

## SOU HETERO, MAS NUNCA GOSTEI DE FUTEBOL: DISCUTINDO MASCULINIDADES TÓXICAS NA ESCOLA<sup>1</sup>

Leandro Teofilo de Brito,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### RESUMO

*Discutem-se dados de um projeto de iniciação científica júnior que focalizou a construção de masculinidades com jovens estudantes da educação básica. As noções de masculinidade e juventude são mobilizadas pelos estudos pós-fundacionais; desenvolveu-se uma pesquisa colaborativa com grupos de discussão. Entre os resultados, os jovens estudantes debateram a temática iniciando um movimento individual e coletivo de reflexão sobre a desconstrução dos padrões normativos do masculino na sociedade.*

*PALAVRAS-CHAVE: masculinidades; juventude; escola.*

### INTRODUÇÃO

A enunciação masculinidade tóxica tem sido amplamente disseminada na sociedade, sobretudo pelos movimentos sociais que denunciam os modos normativos de ser homem presentes desde cedo na criação e educação de meninos e jovens, que geram violência e desordem emocional para mulheres e para os próprios homens (CASTRO, 2018). Este trabalho discute dados produzidos em um projeto de iniciação científica júnior (ICJR) desenvolvido no Colégio Pedro II (CP2), instituição federal de educação básica, técnica e tecnológica localizada no Estado do Rio de Janeiro, e focalizou o debate sobre a construção de masculinidades com jovens estudantes da educação básica.

As noções de masculinidade e juventude serão mobilizadas por autores/as como Derrida (1991), Butler (2019), Bilge (2020) e Laclau e Mouffe (2014), permitindo a construção de princípios e operadores de pesquisa numa perspectiva da diferença para discussão dos dados produzidos pela pesquisa.

Reconhecendo os efeitos da linguagem na constituição de realidades e dos sentidos sociais, Derrida (1991) postula a linguagem textual e falada como performativa, isto é, a capacidade da linguagem, quando repetida, de produzir efeitos de realidade. Por essa articulação epistemológica, Butler (2019) entende o gênero como performativo, ou seja, uma

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pelo Colégio Pedro II - RJ.

identidade tenuamente constituída no tempo por meio da repetição estilizada de falas, atos e gestos instituídos por uma matriz heterossexual e pela coerência sexo-gênero-desejo. Pensar as masculinidades por essa teorização significa reconhecer os disputados processos de identificação do masculino performatizados nos diversos contextos sociais e que se opõem a qualquer essencialização da identidade.

Nessa direção, a noção de masculinidade hegemônica, cunhada pela teórica feminista Raewyn Connell, se coloca muito próxima do que se entende como masculinidade tóxica na sociedade. Aqui será proposta uma desconstrução dessa noção pelo pensamento de Laclau e Mouffe (2015). O autor e a autora propõem uma superfície discursiva para interpretação do conceito de hegemonia, defendendo a existência de fundamentos parciais e contingentes marcados por instabilidades de sentidos para (re)leitura do social contemporâneo. Nessa proposição, uma masculinidade, para se hegemônizar, necessitaria representar sentidos antagônicos advindos de outras masculinidades por meio de relações de diferença e equivalência, buscando que uma particularidade entre esses sentidos assumisse uma representação de universalidade que seria provisória, contingente e reversível, pois participaria desse jogo de disputas.

A noção de performatividade também se mostra potente na contraposição ao adultocentrismo que permeia os processos de identificação e significação da juventude na sociedade (LEITE, 2017). A identificação da juventude como performativa permite contestar atribuições naturalizadas – tais como irresponsável, hedonista e alienada – comumente repetidas em enunciações direcionadas ao sujeito jovem na sociedade e que corroboram o discurso do senso comum de desengajamento político dessa identificação em variadas esferas da sociedade.

A articulação das identificações da masculinidade e da juventude, além de outros marcadores sociais da diferença que podem emergir na pesquisa, será interpretada pela abordagem interseccional. Entendendo que não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articula categorizações da diferença que emergem e interpelam os relatos dos sujeitos, a interseccionalidade se mostra uma abordagem analítico-política potente para problematização de diferentes atravessamentos identitários em redes de poder e suas complexidades na produção da diferença e na reprodução das desigualdades

sociais (BILGE, 2020). Os caminhos metodológicos em que a pesquisa se desenvolveu serão descritos na próxima seção.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada no Colégio Pedro II, *campus* Engenho Novo II, e foi desenvolvida como parte das ações de um projeto de ICJR intitulado *Discutindo masculinidades tóxicas na escola*. Os princípios de uma pesquisa colaborativa que diz respeito a uma ação coletiva que estimula estudantes e/ou profissionais da educação a se aprofundar na compreensão e interpretação de sua própria prática, com vistas ao seu fortalecimento e emancipação, além de produzir narrativas, saberes e discursos que instituem identidades (COSTA, 2002), referenciaram metodologicamente a pesquisa.

Nesse contexto, a parceria colaborativa entre um professor de Educação Física e quatro estudantes do primeiro ano do ensino médio (dois meninos e duas meninas) no ano de 2019 se desenvolveu com a realização de rodas de conversa com jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio que se identificavam com o gênero masculino. Essas rodas foram operacionalizadas pela proposta metodológica de grupos de discussão (WELLER, 2006), um método de pesquisa muito próximo das entrevistas grupais e que se constitui como ferramenta produtiva para discutir experiências coletivas com a juventude, como características sociais relacionadas a gênero, classe social, pertencimento étnico e geracional, entre outros marcadores.

Foram realizadas quatro rodas de conversa entre setembro e dezembro de 2019, com a participação de oito a quinze jovens estudantes em cada encontro. Os temas debatidos foram: violência contra a mulher; assédio sexual; homofobia; e ser homem na contemporaneidade. Os dados produzidos serão discutidos na sequência.

## DISCUTINDO MASCULINIDADES TÓXICAS NA ESCOLA

Nas rodas de conversa realizadas, os jovens estudantes enunciaram de forma recorrente, dentre os diferentes temas, o esporte como via de (re)produção de sentidos normalizadores das masculinidades, conforme se destaca:

Tive muita vergonha inicialmente de participar do *cheerleader*, mas aos poucos fui me soltando e me aceitando, incorporando a questão das coreografias e entendendo que essa é uma atividade que qualquer pessoa, de

qualquer gênero e sexualidade possa participar (Estudante 1, roda sobre homofobia).

Meu pai e meu irmão acham estranha a minha participação no *cheerleader*, mas quem tem que definir ou não minha participação sou eu mesmo e mais ninguém (Estudante 2, roda sobre homofobia).

Integrar a equipe Redfoxes (*cheerleader*) gera perguntas das pessoas, ainda mais eu que sou negro: “vc não tinha que estar jogando basquete?” (Estudante 3, roda sobre ser homem na contemporaneidade).

Tipo essa história do futebol, de todo garoto gostar de futebol, isso é um saco. Sou hetero, mas nunca gostei de futebol e acho um saco você ser obrigado pela sociedade a gostar, a ver, entender. Eu na verdade não sou fã de esportes (Estudante 4, roda sobre ser homem na contemporaneidade).

Reconhece-se o campo do esporte como uma instância que disputa com muita força a estabilização da masculinidade no social. Por meio das práticas esportivas, busca-se normalizar a masculinidade que é performatizada desde cedo por crianças e jovens, aproximando os modos de “ser homem” de atributos que expressem força, racionalidade, virilidade e distância de qualquer sentido que se aproxime do feminino. Nesse contexto, as experiências relatadas pelos jovens estudantes apontam para uma indagação da participação no grupo de *cheerleaders* no colégio. Como uma prática que contém elementos da dança, da ginástica e de acrobacias, sendo baseado em coreografias, o *cheerleader* é visto como uma prática feminina, o que coloca os jovens estudantes sob questionamento acerca de suas masculinidades pela intersecção de uma suposta orientação não heterossexual.

No relato do Estudante 3, esse questionamento é potencializado quando lhe apontam o basquete como o esporte mais adequado para praticar por ser negro. Entre os sentidos que trabalham para a normalização das masculinidades no esporte estão aqueles baseados na virilidade, potencializados quando direcionados a homens negros. Nessa interpretação, corpos de homens negros são performatizados por meio de normas regulatórias específicas que os materializam essencialmente como sexualizados e viris desde o período da colonização, negando de maneira mais incisiva uma identificação não heterossexual ou uma corporalidade dissidente, aquela que apresenta aspectos do feminino.

O futebol é problematizado pela fala do Estudante 4, que destaca as regulações sociais que legitimam em nossa cultura a obrigação pelo gosto pelos esportes, sobretudo pelo futebol, entre sujeitos que se identificam como homens. A posição do jovem estudante, que enfatiza



sua identificação como homem heterossexual e o desinteresse por aquele esporte, aponta para modos outros de performatizações das masculinidades que não necessariamente mobilizam os esportes como via de (re)produção do “ser homem” nos contextos sociais. No Colégio Pedro II, essa identificação de masculinidade era recorrentemente performatizada por parte de alguns estudantes que não apresentavam interesse por práticas esportivas na escola.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de discutir os modos regulatórios das masculinidades com jovens estudantes da educação básica, as rodas de conversa desenvolvidas na escola se mostraram produtivas para as reflexões propostas. Nesse contexto, ao refletir sobre os sentidos normalizadores em que culturalmente são educados, os jovens enunciaram o esporte como uma das principais instâncias que disputam significações pela estabilização da masculinidade na sociedade. Esse processo é potencializado quando os marcadores sociais raça e orientação sexual são interseccionados à masculinidade.

Entretanto, a posição de resistência desses jovens estudantes ao enquadramento à norma foi enunciada nas rodas de conversa pelos relatos de participação no *cheerleader* e o incômodo com as pressões sociais que lhes exigiam o enquadramento numa masculinidade estável e fixa, além das enunciações de um jovem estudante que relatou não ter interesse por esportes. Desse modo, reconhece-se que a juventude contemporânea participa com força dessas disputas pelas significações do masculino na sociedade e que se interpretam pelas hegemonizações parciais e contingentes das masculinidades que são performatizadas na escola.

Por fim, defende-se, por meio desta pesquisa, que as lutas políticas a favor da igualdade e da equidade de gênero na sociedade devem, além de outros pontos, focalizar seus olhares para a educação de meninos e jovens no que diz respeito à construção de masculinidades mais inclusivas e engajadas nas mudanças sociais.

## I'M STRAIGHT, BUT I NEVER LIKED SOCCER: DISCUSSING TOXIC MASCULINITIES AT SCHOOL

### ABSTRACT

*Data from a junior scientific initiation project, which focused on the construction of masculinities with young students of basic education, is discussed. The notions of masculinity and youth are mobilized by post-foundational studies and collaborative research with discussion groups was developed. Among the results, the young students debated the theme, starting an individual and collective movement of reflection on the deconstruction of male normative standards in society.*

**KEYWORDS:** masculinities; youth; school.

## SOY HETEROSEXUAL, PERO NUNCA ME GUSTÓ EL FÚTBOL: DISCUTIENDO MASCULINIDADES TÓXICAS EN LA ESCUELA

### RESUMEN

*Se discuten datos de un proyecto de iniciación científica junior, que se centró en la construcción de masculinidades con estudiantes de educación básica. Las nociones de masculinidad y juventud son movilizadas por estudios postfundacionales y se desarrolló investigación colaborativa con grupos de discusión. Entre los resultados, los estudiantes debatieron el tema, iniciando un movimiento individual y colectivo de reflexión sobre la deconstrucción de los estándares normativos masculinos en la sociedad.*

**PALABRAS CLAVES:** masculinidades; juventud; escuela.

### REFERÊNCIAS

BILGE, S. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. **Escritas do Tempo**, Marabá, v. 2, n. 6, p. 238-256, 2020.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213- 230.

CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**, Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018.

COSTA, M. V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos III**. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 93-118.



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

DERRIDA, J. **Limited inc**. Campinas: Papirus, 1991.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LEITE, M. S. No “Colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, p. 23-47, jan./mar. 2017.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.

